DIE „BRASILIANISCHE DIASPORA" IN EUROPA WÄHREND DER MILITÄRDIKTATUR IN BRASILIEN

Heinz F. Dressel

Es sind nun 40 Jahre vergangen, seit - während meiner Frankfurter Zeit - der erste Flüchtling aus Südamerika, ein brasilianischer Journalist, unser Haus betrat. Dies gibt mir Anlass, heute nicht nur an sein facettenreiches curriculum zu erinnern, sondern zugleich die Seiten eines meiner Bücher nochmals aufzuschlagen und über eine ganze Reihe brasilianischer Flüchtlinge zu berichten, die in den 70er Jahren vom Ökumenischen Studienwerk Bochum gefördert worden sind. Ich beginne die Rückschau im Gedenken an jenem Journalisten, der mir 1969 ins Haus schneite und über Monate in unserer Familie lebte und dem ich später zu seinem 65. Geburtstag eine Sammlung seiner "Briefe im Exil" widmete. Das Vorwort zu dieser Kollektion folgt - für brasilianische Leser - im Original, wobei ich nicht den geringsten Zweifel habe, dass auch alle, die der spanischen Sprache mächtig sind, problemlos jedes Wort des Textes verstehen werden.

Alaim Araújo, der ewig Verfolgte

No ano de 1969, quando servi como Pastor numa paróquia (Gethsemane-Gemeinde) em Frankfurt/ Main, numa certa manhã tocou o telefone, e meu colega católico da Missão de Portugueses, o Padre Almeida me avisou da chegada dum refugiado brasileiro, um tal de Alaim Araújo, jornalista e político, que havia solicitado ajuda na casa dêle. Já que eu conhecia bem o Brasil, o Padre me pedia de propor ao homem a devida atenção, e lhe dar uma hora para contar a sua história. Me prontifiquei, e logo depois este refugiado brasileiro entrou no meu gabinete na Nesenstraße 4, sem falar a nossa língua, sem orientação, meio agressivo, profundamente frustrado e completamente desesaparado. É desde então que conheço o Alaim, que logo apòs compartilhou a nossa vida familiar, enriquecendo com seu jeito nortista-carióca todo o ambiente da casa. Como um "clandestino" e "ilegal" ocupou por um par de meses um camarote ao lado dos quartos de nossos filhos no 4° andar, tornando-se quase irmão deles, até que ele ganhou outro asilo junto à JOC - Juventúde Operária Católica - da região de Frankfurt. Naquele tempo tornamo-nos amigos.

Acompanhei o caminho do Alaim durante quase três décadas. Nas minhas viagens como diretor da Obra Ecumênica de Estudos em Bochum incluisive cheguei a conhecer sua irmã Rita e família no Rio de Janeiro, que várias vezes visitei de passagem, e conversei até com seus velhos pais e com a família do irmão mais velho lá na cidade amazônica de Belém do Pará. Visitei o pessoal de "seu" amado jornal no velho prédio da Tribuna da

Imprensa nos fundos da nova Catedral. Fiz amizade com seu grande e fiel amigo Jorge França. Me entrossei no currículo dele, e desde 1969 assistí as altas a baixas no caminho dessa pessoa extraordinária, fui testemunha de suas alegrias e de suas tristezas. Sempre admirei seu otimismo, sua confiança quase irracional no futuro, modo de regra "esperança sem saber o que esperar." Havia até um momento em que o asilado desempregado cogitava o plano de morrer por protesto queimado em frente do Arbeitsamt de Frankfurt. Mas mal que passara um período de azar, já a próxima carta intonou aquela velha melodia do Alaim: "Eu estou realmente contente e cheio de esperanças e confiança no futuro." Esperança foi que nunca o faltava. Estou quase certo de que sem ela o desterrado não poderia ter sobrevivido. Para perceber isso, basta ler as cartas que escreveu no exílio. Quardei um montão delas, enquanto outras se encontram nos arquivos do Menschenrechtszentrum Nürnberg - DIML ou desapareceram.

Como teólogo protestante sempre admirei a maneira em que o Alaim costumava de falar de Deus e do Homem em maiusculos. Isto me fez sentir as profundas raízes de seu humanismo e cristianismo, um cristianismo original e espontâneo, não aquele catolicismo tradicional e ortodoxo, mas um cristianismo existencial e ecumênico, que também se revelou quando ele - num artigo publicado na Espanha - falou de "Cristo, meu irmão", artigo aliás que o levou sendo quase "expulso" pelo Bispo de Salamanca.

No ano de 1971 fiz com o Alaim uma entrevista que ficou gravada em fita que hoje se encontra em poder de meu filho Ulrich no Brasil. Aí também se fala da prisão do jornalista e activista político Alaím Araújo pela Polícia Militar do Rio de Janeiro durante o Govêrno João Goulart. Alaim se lembrou desta experiência amarga: O torturaram e o podaram num buraco frio e húmido, sem qualquer roupa, completamente nu. Todo dia pelas 3 da madrugada o levaram à uma sala, focalizaram os raios da lampada ao rosto dele a fim de fazerem ele confessar, que o Lacerda era o spiritus rector das ações do preso. Chegou o dia em que levaram ele em estado de nudêz num corredor, colocando-o na parede, gritando: "Confessa, canalha, que tens recebido ordems do Lacerda - senão tu vai morrer fuzilado instantâneamente!" O preso ficou calado. Aí o comandante deu ordem aos soldados: "Apontem!" Neste momento o Alaim, que sempre foi um homem brabo, virou a cara gritando zangado mesmo: "Porque então não atirem, quero ser a primeira vítima deste regime de merda!" Em 20 de Septembro de 1963 o soltaram. Coronel Ventura - o comandante do presídio - avançou sendo General em 1971. No mes de dezembro Alaim foi preso outra vez. Queriam calar o homem definitivamente. Matava-se sem maiores escrúpulos, como nos tempos do *Estado Novo*. Declararam as vítimas de tais atos de violência política sendo suicidas. Depois de 5 dias

simpatizantes ideológicos deram uma mão a fim de que o preso possa fugir. Este pediu asilo político à Nicaragua em janeiro de 1964, porque a sua vida estava ameaçada pela 5a coluna do PC, na época infiltrada no Exér-cito. A ala direita na política brasileira naquela época componha-se de todo um espectro de organizações, grupos e sub-grupos. Uma das organizações mais destacadas era a *Frente da Juventude Democrática* (FJD). Ela nos anos de 50 havia emergida da *Coligação Acadêmica Democrática* (CADE) bem como da *Ação Democrática Brasileira* (ADB). Mais tarde a FJD foi apoiado em primeiro lugar pelo *Instituto de Pesquisa Economica e Social*, o IPES, que dispunha do apoio financeiro de fontes pró-americanas e anti-comunistas. Alaím Araújo então pertencia à *Frente da Juventude Democrática*. Ele foi o autor do Manual do Estudante *Le Manuel de l'Etudiant "sur l'infil-tration communiste"*. Com a experiência de sua anterior militância de comunista, neste Manual o autor recorreu aos seus conhecimentos de *insider*, mostrando as notórias preferências do PC junto à organização dos mais diversos movimentos, ligas e comitês: "Liga para a Defesa do Petróleo", "dos Direitos das mulheres", "Movimento pela Paz" etc. Antes de tudo ele comprovou a subversão da UNE, "o melhor instrumento dos comunistas" e chamou atenção dos métodos típicos junto à eleições (com a presentação de candidatos no último momento etc.). O principal objetivo da FDJ foi denunciar a subversão da universidade, antes de tudo da famosa *Faculdade Nacional de Filosofia Rio de Janeiro*. O orgão oficial da FJD para o combate foi o jornal *DEMOCRACIA EM MARCHA* - fundado por Waldo Vianna. O Alaím agiu como diretor responsável desta publicação que saiu 189 vezes, até que morreu por falta de dinheiro. A FJD funcionou como organização de combate, cujo nome era parecido com o da FMJD - *Federação Mundial da Juventude Democrática* - entidade comunista que periodicamente costumava de organizar coisas como o *Festival da Juventude pela Paz e Amizade* que tomou lugar em Berlim, Budapest e Praga. Também o nome *Frente* deveria lembrar das múltiples frentes comunistas existentes em todo mundo. Era para criar confusão nas esquerdas. Enquanto a mais moderada JUC - *Juventude Universitária Católica* - defendia a estratégia do diálogo com os esquerdistas, a FJD, observando a tendência da radicalização na ala esquerda da juventude acadêmica, optou pelos mesmos métodos de luta usados pelos comunistas. Ficou a palavra de ordem da FJD: "É preferível morrer num minuto de liberdade a viver séculos na escravidão." "A teoria democrática nos ensina que a democracia é um regime que admite tôdas as liberdades exeto a liberdade de ser destruida. Logo, os que têm vocação para escravos não podem nem devem ter liberdade para destruir a liberdade." Foi esta a filosofia da FJD. Criava-se laços de amizade junto às Fôrças Armadas. Não se apoiou o conceito dum Exército transformado em Milízias Populares sob o camando de mulheres checoslovacas, russas ou chinesas, masculinizadas pelos regimes de terror. Lutava-se na FJD com

slogans como: "Reformas sim, com Russos - não!" *"Um, dois, três, Brizola no xadrez" "Tá chegando a hora de Jango ir embora."* No dia 7 de Septembro de 1963, dia de Independência, durante o desfile militar no Rio de Janeiro, na presença do Côro Diplomático. a FJD comprometeu o Presidente João Goulart, exhibindo uma faixa com o letreiro: "E agora, João, quebraste a espada de Caxias!" Os militantes da FJD eram jovens idealistas de cunho nacionalista e liberal. Seu lider ideal e *spiritus rector* foi o Ministro da Marinha, Almirante Sylvio Heck, mais o Marechal Odilio Denys e o Brigadeiro das Fôrças Aéreas Gabriel Grun Moss. O governador do Estado de Guanabara, Car-los Lacerda, também fez parte do grupo Heck.

Alaim Araújo regressou do exterior ao Brasil em junho de 1964. Escreveu, estudou, metia-se na política revolucionária. Trabalhou na assessoria do Ministro de Justiça Gama e Silva. Até o Ato Institucional N° 5. Este AI-5 foi anunciado no dia 13 de dezembro de 1968. O novo Ato foi justificado de maneira de que a Constituição não serviria como instrumento adequado de garantir calma e a necessária segurança interna, o desenvolvimento econômico e cultural, bem como a harmonia política e social da pátria. O jornalista e ativista político Alaím Araújo, como também seu chefe político Carlos Lacerda, caiu com este AI-5. Foi ele mesmo que tinha ajudado de preparar o novo decreto, que logo se tornou em pedra de escándalo também para ele. Havia lutado pelos ideais da "Revolução Democrática" até o mês de abril de 1969, quando no dia 12 resolveu partir, desencantado com os caminhos que estava seguindo a Revolução, da qual tinha participado e que se deterriorava com os escabrosos Atos Institucionais, que conduziram a nação a uma ditadura. Saiu do Brasil para que não acontecesse com ele o que se passou com Wladimir Herzog e tantos outros brasileiros assassinados ou torturados nas masmorras da ditadura.O Ato Institucional havia sido guardado no safe do ministro Gama e Silva desde a época das demonstrações no mês de Março de 1968. Entendia-se que o AI-5 era a última e definitiva intervenção junto ao processo de recu-peração e redemocratização graduadiva do corpus da Nação brasileira. Sabe-se que no primeiro momento o Presidente Costa e Silva havia-s negado de assinar o decreto, ao ter percebido que com este Ato Institucional os militares abacarem de fazer realmente *tabula rasa*. Exclamou no momento da leitura do Ato Institucional N° 5: *"Mas isso é dose pra cavalo!"*.

1969, no momento do cancelamento da iminente Assembleia Geral da Federação Mundial Luterana em Porto Alegre por motivos políticos, Alaim criticou fortemente a visão desproporcionada da esquerda alemã junto ao Brasil: "Seu próprio desenvolvimento acontece às custas da exploração de outros. Tem a mania de pregar uma revolução armada no Brasil e se chateiam demais comigo, quando retruco que eles melhor fariam a

revolução armada aqui mesmo, entre eles, pois não são eles que nos exploram? Promovem campanhas para recolher dinheiro para a alimentação de crianças mo Recife. Em lugar disso, lhes recomendo, deveriam apelar aos capitalistas européus para pagar salários dignos aos nossos trabalhadores, por eles explorados, em vez de doar dinheiro para a alimentação de crianças; pois então esses trabalhadores mesmos teriam dinheiro bastante para alimentar seus filhos e não necessitariamos desse tipo de dádivas. Na verdade, eles têm medo de uma revolução comunista em seu próprio pais e tentam, por isso, apoiar o comunismo para que esse realize a revolução no nosso pais. Os romances policiais que escrevem sobre o Brasil, nos fazem de bandidos e criminosos e a imprensa nos chama de assassinos de índios, como se não fossem eles os que vão à Amazônia como os grandes espertos a fim de exterminar nossa civilização e nos tratar como se fôssemos selvagens. Somos o país do futuro! É nosso dever lutar para o fortalecimento de democracia em nosso país, para que o Brasil possa mostrar ao mundo suas qualidades, de maneira democrática. Temos que acreditar no Brasil!"

Foi nesta atmosfera que o presidente Figueiredo respondeu a pergunta de um jornalista o que ele faria se fosse tão pobre como alguém na favela com a ríspida observação: "Eu me daria um tiro na cuca!" Alaim Araújo, em comentário na TRIBUNA DA IMPRENSA (11.2.80) retomou esse episódio: "Brasil, um país de vagabundos ... É uma pena que o Brasil, o país da esperança, seja hoje, depois dessa revolução de 64, que eu também fiz, o país da desesperança, do desespero, da vergonha que se espalha pelo mundo afora. E até agora o pobre João Baptista Figueiredo - pobre de espírito e rico a custa do suor do povo - ainda não deu um tiro na cuca." Mas o que então levou ao transbordo, foi um artigo agressivo: "Exército saqueou a Volkswagen" (142.80) Na greve em São Paulo o Exército teria saqueado fábricas; assim, o depósito de rádios da VW do Brasil teria desaparecido em completo. "Quando as Forças Armadas de uma Nação roubam, saqueiam, torturam e ficam impune esta nação está podre!" O ministro do Exército, diante dessas "acusações caluniosas e infames" contra as Fôrças Armadas, reagiu com veemência e ameaçou tratar o jornal de maneira como previsto pela Lei de Segurança Nacional. Nos dias 16/17 de fevereiro, encontrou-se um desmentido da automobilística VW na TRIBUNA, dizendo que no contexto da greve nada teria desaparecido, aliás, no caso das trópas, estas não teriam sido do Exército, senão da Polícia Militar de São Paulo. No dia 20 de fevereiro de 1980, a Folha de São Paulo publicou: "A. esclarece que o roubo foi comentado abertamente no recinto da Feira Internacional de Automóveis realizada na cidade de Frankfurt de 13 a 23 de setembro de 1979." Hélio Fernandes, que junto com seu filho Helinho e o redator chefe, Paulo Branco, tinha de se responsabilizar perante o Tribunal

Militar, constatava: "Em meu jornal todos tinham a liberdade de defender suas idéias ... O autor mesmo tem toda a responsabilidade pelas graves acusações que apresentou." A revista Veja do dia 27 de fevereiro de 1980 recla-mava: "A história foi publicada sem nem sequer ouvir alguém de São Bernardo do Campo." No dia 2 de junho de 1981 a câmara do Tribunal Militar do Rio de Janeiro solicitou a extradição, respectivamente colaboração jurídica da R.F.A. por causa de divulgação de informações errôneas, na tentativa de prejudicar o respeito das Fôrças Armadas ou a confiança que merece e necessita da sociedade, que não foi acatado, pois Araújo entrementes havia adquirido a nacionalidade alemã e não havia um convênio de extradição entre a Alemanha e o Brasil. Hélio Fernandes encerrou a discussão pública no dia 17 de março de 1980 com um comentário na TRIBUNA DA IMPRENSA, sob o título: "Até onde irá João Figueiredo?" - "Um ano de incompetencia e de inutilidade".

A imprensa brasileira, naquele tempo, ainda sofria a "censura das bombas". No dia 26 de março de 1981, por volta de meia- noite, Alaim me ligou de Frankfurt e relatou, sem folego: "Fizeram explodir seis bombas no prédio da TRIBUNA DA IMPRENSA, no Rio, ignição às 4 horas da manhã da quinta-feira. Três carros, walkie-talkies, 15 pessoas encapuzadas e armadas invadiram a casa, prenderam (usando algemas modernas) todos os 10 emprega-dos: "Comando Herzog", como revelaram por um telefonema e em panfletos deixados no lugar. Jorge França não chegou em casa. Tinham dado um prazo para a extradição de Alaim. Um telex que recebi do Rio disse: "Gran parte de los equipos del diario encuentranse destruidos." General Ernani Ayrosa da Silva, estado maior do Exército, alegou: "Elementos da própria empresa fizeram o atentado, desgostosos com a situação do jornal." General Waldir Muniz fantasiava, o crime podia ser atribuido a fugitivos da ilha Grande. O jornal O Estado de São Paulo do dia 3 de março de 1981 apostava na ultra-direita. E o senador Evandro Carreira (MDB) segundo o Globo do dia 28 de fevereiro de 1981 observou: "Não está afastada a possibilidade de que o terror de direita tenha o dedo do próprio governo."

No dia 15 de janeiro de 1985, apòs 20 anos de controle ininterrupto do povo pelas Fórças Armadas, o colégio eleitoral em livre escolha e contra a proposta do partido governamental, elegeu novo presidente civil, o legandário Tancredo Neves. O político liberal de Minas Gerais fora proposto pela Aliança Democrática, e, como legitimo "mineiro", tendia mais para os conservadores que para os radicais. Já havia conseguido uma boa fraternização entre os grupos políticos. Seu primeiro objetivo era a elaboração de uma nova constituição. O país se encontrava numa retomada democrática quase inimaginável. A gande maioria dos brasileiros festejava

a vitória de Tancredo com fogos e balas. "Fica ainda escuro, mas o povo canta", meu amigo Alaím Araujo comentou.

São multiples os acontecimentos nestas quase três décadas que o destino me pôs ao lado do Alaim Araujo ou vice-versa - eventos e ocasiões memoráveis, como mostra este modesto survay baseado nas cartas de meu amigo Alaím Araújo.

Numa destas suas numerosas cartas ele observou: "Quando a gente começa a escrever, sempre en-contra palavras que formam frases e frases que formam períodos e períodos que formam orações, e se a gente continua sem se aperceber, termina escrevendo um livro." (16.4.72) Verdade! Nem imaginava que a coleção de suas cartas um dia daria um livro mesmo! Livro *Cartas no Exílio,* composto na ocasião do 65. aniversário do jornalista desterrado.

Outro livro, *Kirche und Flüchtlinge - Igreja e Refugiados* - ao qual me refiro nas páginas seguintes, fala da *diáspora brasileira* na Europa durante os anos de chumbo:

KIRCHE UND FLÜCHTLINGE
Das Flüchtlingsprogramm des Ökumenischen Studienwerks e. V. Bochum
- Zur Geschichte des Ökumenischen Studienwerks e. V .-
Heinz F. Dressel
ISBN 3-922740-19-7

© by FDL-VERLAG AUGSBURG
86150 Augsburg, Rosenaustr. 45
Umschlag FDL-VERLAG AUGSBURG
Fotos & Faksimile: Archiv Dressel
Druck copy land Nürnberg

Diese Rückschau auf bewegte Jahre der Geschichte ist denen gewidmet, für die jene Zeit am schwersten zu ertragen war: den Flüchtlingen und Exilierten aus den 70er Jahren, vor allem den vom Ökumenischen Studienwerk e. V. Bochum (ÖSW) und den über die Evangelischen Studentengemeinden (ESG) mit Geldern des Kirchlichen Entwicklungsdienstes (KED) Geförderten; jedoch nicht ihnen allein - gab es doch auch ungezählte junge Leute, die sich jahrelang ohne jegliche reguläre Förderung durchschlagen mußten.

Als Mitarbeiter des Ökumenischen Studienwerkes begegneten wir in den 70er und frühen 80er Jahren vielen *displaced persons* aus Afrika oder

Ostasien und lernten Hunderte von *desterrados* aus Süd- und Mittelamerika kennen. Wir haben uns bemüht, in unserem Verhalten gegenüber allen diesen zumeist jüngeren Menschen keinen Unterschied zwischen "unseren" Stipendiaten und denjenigen zu machen, die über andere Stellen - oder überhaupt nicht - unterstützt wurden, ja, oft versuchten wir uns denen, deren Förderung zu unserem Leidwesen außerhalb unserer Möglichkeiten lag, mit besonderer Aufmerksamkeit zuzuwenden, wie es sich für Vertreter der christlichen Kirche, die für alle offen sein muß, und schließlich für einen jeden Christenmenschen schickt.

Manche aus dem Kreis der Stipendiaten - wie Luís Travassos, Kwang-Duk Kong und Lucas Motsisi - sind bereits verstorben und konnten das ganze Ausmaß der späteren Veränderungen in ihrer Heimat, z.B. in der Republik Südafrika, nicht erleben; die meisten ehemaligen "Flüchtlingsstipendiaten" aber befinden sich längst wieder zu Hause und setzen sich dort für gerechtere Bedingungen ein. Einige wenige sind in Europa verblieben, weil sie in schwerer Zeit, die Frauen, dort einen Lebensgefährten, und die Männer eine Lebensgefährtin gefunden haben, sei es in der Bundesrepublik Deutschland, in der Schweiz, in Spanien, Großbritannien oder anderswo.

Als der frühere Leiter des ÖSW-Stipendienprogrammes widme ich dieser *ökumenischen Diaspora* die vorliegende Dokumentation und grüße ihre Glieder - wo und auf welchem Wege immer sie davon Kenntnis erhalten - in alter Verbundenheit. Zugleich lege ich diese Arbeit all denen in die Hand, die den Verfolgten, Gequälten, Gefangenen, Flüchtlingen, Exilierten und ihren Familien in jenen bewegten Jahren ihren Anteil an gemeinschaftlicher christlicher Zuwendung haben angedeihen lassen.

Nürnberg, 1. Mai 1996 Heinz F. Dressel

Vorwort (1996)

Das Engagement zugunsten von Gefährdeten und Flüchtlingen machte vor allem während der ersten Dekade des Bestehens des Ökumenischen Studienwerkes Bochum einen wesentlichen Teil seiner Arbeit aus, und zwar nicht nur des Stipendienprogramms, sondern auch des Lebens auf dem Campus, des Engagements der Lehrer am Studienkolleg und sogar des Gemeindelebens im benachbarten Thomaszentrum. Dies war nicht so, weil wir es so gewollt oder uns ausgesucht hätten, sondern weil die Weltgeschichte es uns so vorgab. Wir mögen noch so viele (und noch so hehre oder ideale) Programme entwerfen, doch letztlich gibt uns die Geschichte ihre eigenen Programme vor, auf die wir vorbereitet oder auch total unvorbereitet sein mögen; aber wir müssen uns darauf einlassen. Den Programmatikern läuft solches verständlicherweise sehr zuwider; gerade deshalb jedoch ist in einem kirchlichen Werk wie dem ÖSW immer auch Pragmatis-

mus gefragt, ähnlich dem des Samariters im lukanischen Gleichnis, der Hilfe improvisieren mußte, weil sonst nichts geschehen wäre. Von solchen Urbildern aus dem Evangelium mußte auch, wenigstens bis zu einem gewissen Grad, ein *Programm der evangelischen Kirchen in der Bundesrepublik Deutschland und in West-Berlin*, wie es damals hieß, leben dürfen, aller Skepsis der kirchlichen Entwicklungsbürokratie zum Trotz! Daß dies strekkenweise tatsächlich gelang, darf auch in den Annalen der Evangelischen Kirche in Deutschland besonders hervorgehoben werden.

Wir wissen, daß ungelöste Probleme zyklisch wiederkehren, so wie gegenwärtig das *Flüchtlingsproblem*. Auch das kirchliche Engagement für Flüchtlinge war seit je ein kontroverses und deshalb problematisches Kapitel. Den einen war es ein Ärgernis - das haben sie auch uns im ÖSW deutlich spüren lassen -, der Kirche insgesamt jedoch gereichte ihr Engagement für die Verfolgten, Vertriebenen und Heimatlosen zur Ehre. Inzwischen hat zu meiner Genugtuung die Synode meiner hessischen Kirche - EKHN (und nicht nur sie!) - sogar ihre Solidarität mit Kirchengemeinden, die von Abschiebung bedrohten Flüchtlingen Kirchenasyl gewähren, erklärt (EKHN Mitteilungen 8/94) und damit ein Zeichen für die gesamte EKD gesetzt.

Das "Flüchtlingsprogramm" des Ökumenischen Studienwerkes war ein ursprünglicher und wichtiger Bestandteil seiner Arbeit. Es wurde aus dem frühen Stipendienprogramm des Diakonischen Werkes Stuttgart als ein unverzichtbarer diakonischer Bereich übernommen, obwohl das Ökumenische Stipendienprogramm (esp) prioritär als ein entwicklungsbezogenes Unterfangen angelegt war. Bereits zu Beginn des Programmes gab es im ÖSW eine Reihe von Palästinensern und Flüchtlingen aus den *überseeischen Provinzen*, wie die Portugiesen ihre Kolonien zu nennen pflegten. Die erste Dekade seit Programmbeginn zeichnete sich je-doch besonders durch den uns zugefallenen Dienst an einer *verlorenen Generation* des lateinamerikanischen Subkontinents aus: Zuerst kamen die Brasilianer, danach die Chilenen, gegen Ende des Jahrzehnts die Argentinier, dazu Bolivianer, Uruguayer und später junge Leute aus El Salvador. Eine ganze Reihe von Kollegen und Freunden half uns ganz entscheidend dabei, daß wir eine Anzahl junger Leute, die auf auswärtige Hilfe angewiesen waren, aufnehmen konnten. In Südamerika war es, neben Helmut Frenz in Chile, der mutige Pastor Armin Ihle, der ohne jeden Zweifel manches Leben gerettet hat (das paraguayische Parlament verlieh ihm 1994 für seine Verdienste um die Menschenrechte die Ehrenbürgerschaft Paraguays), aber auch Kirchenpräsident Linnenkämper und nach ihm Präsident Reinich, der methodistische Pastor Lavigne und andere Protestanten in Chile, Argentinien und Brasilien. Die katholische Kirche in Argentinien blieb im Abseits, "ausente", und ich warte sozusagen bis heute auf die Antwort mächtiger Bischöfe, denen es

niemals eingefallen ist, unseren Hilferufen, die wir an sie gerichtet hatten, um Menschenleben aus ihrer eigenen Herde zu retten, Gehör zu schenken. Unter den argentinischen Flüchtlingen und Exilierten waren es neben manchen anderen Nilda Jelenic, Dora Goldfarb Lucero, Norma Espíndola, Enrique Nuñez, Mercedes Soerensen Weber und Flávio Koutzii (der, obwohl Brasilianer, jahrelang in Argentinien inhaftiert war), die beim ÖSW Schutz fanden. Antonio Canedo war einer der markantesten Flüchtlinge aus Bolivien. Dr. Juán Felix Bogado Gondra und Familie aus Paraguay wurden als Opfer der Diktatur Strössners aufgenommen. Es ist an dieser Stelle nicht möglich, alle die anderen, die unter den gleichen Bedingungen das ÖSW Bochum durchliefen, aufzuzählen. Dem Verständnis der verantwortlichen Gremien vom Vorstand bis zum Stipendienkomitee ist es zu danken, daß das ÖSW sich im Rahmen seiner Möglichkeiten der Flüchtlinge annehmen konnte.

In der Geschäftsstelle des ÖSW liefen massiert Informationen über Mißachtung von Menschenrechten und Menschenwürde zusammen. Im Stipendienreferat ebenso wie im Stipendienkomitee war, zunächst per Papier, viel über Flüchtlinge und ihre Geschichte zu erfahren. Wir lernten das Schicksal einzelner Gefangener, Flüchtlinge und Exilierter kennen und begegneten danach vielen der betroffenen Menschen auf dem Bochumer Campus persönlich. So bildete das Ökumenische Studienwerk in den 70er Jahren so etwas wie einen Brennpunkt der Lateinamerikainformation.

Bei der Darstellung des *Flüchtlingsprogramms* fällt es mir schwer, die Rolle eines europäischen Chronisten anzunehmen. Noch immer empfinde ich sehr stark, daß ich im Grunde auf der Seite der Betroffenen aus den *südlichen Ländern* stehe und daß es mir an der Distanz, für die Technokraten und Entwicklungsfunktionäre so eloquent plädieren, mangelt. Das Subjekt ist stärker beteiligt als es bei Chronisten und Archivaren üblicherweise der Fall ist. Objektivität mag deshalb durch diejenigen an den Tag gelegt werden, die eventuell weiter mit diesen Notizen, die zum größten Teil recht mühsam aus den Unterlagen *herauspräpariert* wer-den mußten, umgehen werden. Es liegt mir vor allen Dingen am Herzen, über Schicksale und Erinnerungen zu berichten, die nicht so schnell verlorengehen sollten - auch nicht in der Evangelischen Kirche.

Zugleich geht es wohl auch darum, eine Lehre aus der Geschichte zu ziehen. Dieses ist nicht möglich ohne die bewußte Pflege der *memoria historica*. Der Staatsterrorismus, der sich in den 60er und 70er Jahren in ganz Lateinamerika wie ein Krebsgeschwür ausgebreitet hatte, und dem unzählige Menschen zum Opfer gefallen sind, darf ebenso wenig in Vergessenheit geraten wie die Rolle der Kirche in jenen obskuren Jahren.

Gegenwärtig sind es Leute wie Alberto Fujimori in Peru, die für sich beanspruchen, angesichts der *Ineffektivität der repräsentativen Demokratie* die *verdadera democracia*, die *wahre Demokratie* herbeizuführen. Leider zeigt es sich - wie es im Falle des jüngsten Grenzkonfliktes zwischen Peru und Ecuador deutlich zu beobachten war -, daß die jungen Menschen von heute ähnlich lautende Sprüche der Demagogen von 1964, 1973 und 1976 längst vergessen haben. Das Ergebnis der letzten Präsidentschaftswahlen in Peru bestätigte dies erneut. Umso wichtiger ist es, die Erinnerung an den Terror der Diktatur am konkreten Fall wachzuhalten.

Dem NÜRNBERGER MENSCHENRECHTSZENTRUM - DOKUMENTATIONS- UND INFORMATIONSZENTRUM MENSCHENRECHTE IN LATEINAMERIKA - DIML *Centro de Documentación e Información sobre Derechos Humanos en América Latina,* 90429 Nürnberg, Fürther Straße 22 (☎ 00429 911-267942 FAX 0049 911 265974) ist es zu danken, daß das, in über drei Jahrzehnten gewachsene, umfangreiche Privatarchiv des Verfassers über Menschenrechtsaspekte im Zusammenhang mit mehreren Ländern Lateinamerikas - insbesondere mit Argentinien, Chile und Brasilien - in die dortigen Bestände integriert werden konnte, so daß es Interessenten zu Forschungszwecken zur Verfügung gestellt werden kann. Auch die einschlägigen Unterlagen des Diakonischen Werkes aus seiner Flüchtlingsarbeit in den 70er und 80er Jahren wurden dankenswerterweise in das Archiv des DIML integriert.

Dem von Artur und Käthe Schmidt geleiteten FDL-VERLAG AUGSBURG gebührt besonderer Dank für die Aufnahme der vorliegenden Arbeit in das Verlagsprogramm.

Allgemeines Lagebild zu Lateinamerika 1964 – 1980

Lateinamerika entwickelte sich nach dem 2. Weltkrieg, vor allem jedoch seit Beginn der 60er Jahre, Schritt für Schritt zu einem der kritischsten Kontinente des Globus. Dabei war es schwer vorauszusagen, wohin die einzelnen Länder Süd- und Mittelamerikas sowie auch der Karibik letztendlich driften würden: Wollten sie sich weiterhin als so etwas wie den "Hinterhof" der verhaßten Vereinigten Staaten von Amerika behandeln lassen oder würden sie es vorziehen, als Satelliten der UdSSR eine bessere Zukunft zu suchen?

Der Kalte Krieg hatte längst begonnen. Die politische "Großwetterlage" ließ sich frostig an. Die politischen und militärischen Blöcke, mittels derer die Supermächte die Welt in "Ost und West" bzw. in die "Erste, Zweite und Dritte Welt" aufgeteilt hatten, waren fest etabliert. Die Länder Südamerikas bildeten durch ihre geographische Lage ebenso wie durch ihre Geschichte

zwar seit langem eine spezifische Interessengemeinschaft mit dem *big brother* im Norden; doch hatte der Sieg der Revolution in Kuba 1959 und ihr Einmünden in den Marxismus-Leninismus im April 1961 ein deutliches Zeichen dafür gesetzt, daß vom Rio Grande bis nach Feuerland einschneidende Veränderungen bevorstanden. Castros Kuba wirkte auf dem amerikanischen Kontinent wie ein Fanal - ein Fanal der Hoffnung für die einen, ein Fanal für Aufstand und Revolution für die andern. Der gesamte Kontinent lag *im Schatten des Kubaners*.[1] Die USA waren nicht gewillt, das revolutionäre Kuba zu tolerieren. Auch auf Seiten des Castrismus war die Konfrontation mit den "Yankees" vorprogrammiert. 1960 vollzog Kuba die Nationalisierung des gesamten US-amerikanischen Eigentums - United Fruit, Texaco - auf der Insel. Die Amerikaner antworteten mit einem Handelsembargo, der Errichtung eines militärischen Trainingslagers, einer Initiative, die mit dem Desaster der "Schweinebucht" und dem Abbruch der diplomatischen Beziehungen endete. "Der Kampf zwischen Kuba und den Vereinigten Staaten von Amerika geht notwendigerweise bis zum letzten Blutstropfen", erklärte Che Guevara in einem Interview aus dem Jahre 1963. Im Falle Lateinamerikas handle es sich um einen Kontinent von zwanzig Nationen. Die USA hätten fünfzehn davon gezwungen, jede Art von Beziehungen zu Kuba abzubrechen. Genau bei diesen fünfzehn Nationen aber bedeute die Verbreitung der Kubanischen Revolution unter dem Volk die größte Gefahr für den Imperialismus, fügte er hinzu.[2]

Jedoch nicht nur Kuba, sondern auch die anderen Länder des Subkontinents hatten eine Revolution erfahren oder befanden sich mittendrin: Die Revolution der steigenden Erwartungen (Adlai Stevenson), die namentlich der amerikanische Historiker Walt Rostow in seinem Standardwerk - The Process of Economic Growth (1951) - eingehend beschrieb.[3]

Die amerikanische Politik des *free enterprise* bewirkte auch im Süden des Kontinents ein Klima ungeheurer politischer und sozialer Erwartungen. Zunächst führte dies dazu, daß man langjährige Diktatoren und Caudillos wie Getúlio Vargas oder Juan Perón zum Abtreten zwang, um danach eine politische Erneuerung herbeizuführen, in deren Gefolge es auch zu einer spürbaren wirtschaftlichen Verbesserung für breite Schichten der Bevölkerung, besonders aber der städtischen, kommen würde. Selbst ein lediglich sporadischer Zugang der unterprivilegierten Bevölkerungsschichten zu den Massenmedien - in erster Linie der Rundfunkprogramme - förderte die Tendenz, vom Leben mehr zu erwarten als man es von Kindheit an gewohnt war. Die zunehmende Binnenwanderung vom Land in die Provinz und Hauptstädte bestärkte die Erwartung auf eine positive Veränderung der Lebensbedingungen, die vergleichsweise am Rande oder sogar unterhalb der *poverty-line* lagen.

Der Subkontinent war seit Ende des Krieges von einer unbändigen Zukunftshoffnung erfüllt. Der Name Juscelino Kubitschek, brasilianischer Präsident von 1956-61 und Erbauer der "modernsten Hauptstadt der Welt" - Brasília - mag dafür als Symbol stehen. Für Kubitschek war Brasília das greifbare Beispiel für den "Sprung aus dem Ochsenkarren ins Flugzeug". Die "Stadt der Hoffnung" stand beispielhaft für sein ganzes Entwicklungsprogramm und den Entwicklungsoptimismus, von dem weite Kreise der Nation und des Subkontinents in jenen Jahren ergriffen waren. Mit Kubitschek begann der Aufbau einer eigenen Schwer- und Automobilndustrie und damit zugleich der multinationalen Unternehmen in Brasilien (VW, Simca, General Motors, Ford, Vemag, Mercedes-Benz, FNM). "Fünfzig Jahre in fünf" lautete Kubitscheks, von einem ungebrochenen Optimismus geprägte Devise. In Argentinien war es unter Juan Domingo Perón und Dr. Arturo Frondizi, die ihrem brasilianischen Amtskollegen Kubitschek im Willen zur schnellen Entwicklung des Landes recht ähnlich waren, zum Aufbau einer Stahlindustrie und petrochemischen Industrie sowie zur Errichtung einiger für die Energieversorgung des Landes wichtiger Betriebe gekommen (1946-62). Der *justicialismo* trieb in seiner ersten Phase auch eine ganze Reihe von Programmen zur Verbesserung der Lebensbedingungen der *descamisados*, der Lohn- und Wohnungsbaupolitik voran, die ihm später als *desarrollismo* angekreidet wurden.

Auf die Kehrseite eines übersteigerten Entwicklungsoptimismus hat Daniel Bell hingewiesen: "... Soziale Spannungen sind ein Ausdruck unerfüllter Erwartungen. Nur dann, wenn Erwartungen geweckt werden, kann der Radikalismus Platz greifen ..." Genau dieses geschah und ließ sich in Brasilien besonders seit der kurzen Amtsperiode von Jânio Quadros beobachten. Seine Wahlversprechen hatten bei den Massen große Erwarungen geweckt. Eine galoppierende Inflation mit skandalösen Preiserhöhungen von 40% für Brot und 80% für Benzin lastete auf dem Land als eine Art von sozialer Leukämie. Die Bürde der Auslandsschulden drückte immer schwerer. Die Außenpolitik erschien jeden Tag stärker linksorientiert. Vor allen Dingen legte Jânio Wert auf Unabhängigkeit vom "großen Bruder" im Norden. Diese demonstrierte er durch die Aufnahme diplomatischer Beziehungen zu Ostblockländern, z.B. mit Rumänien, Bulgarien, Albanien, Ungarn und der UdSSR. Unter dem plausiblen Gesichtspunkt: "Wie dürfte man die Realität von 600 Millionen Chinesen ignorieren?" erwog er ebenfalls die Anerkennung der Volksrepublik China. Sein Vizepräsident, João Goulart, reiste unterdessen nach Peking. Raúl Castro erhielt den höchsten brasiliaischen Orden aus der Hand des Präsidenten. Angesichts der damaligen politischen Konstellation der Welt galt der brasilianische Präsident in den Augen der westlich orientierten Nationen schon fast als ein Überläufer ins sozialistische Lager. Nach seiner

plötzlichen Abdankung und der Übernahme der Präsidentschaft durch João Goulart kamen, in erster Linie durch seinen Schwager Leonel de Moura Brizola, neue Töne ins politische Spiel. Der hatte zum Beispiel am 16.6.61 in einer vielbeachteten Rede vor der Nationalen Studentenunion (UNE) in Rio de Janeiro über das Reizthema "Brasilien, Lateinamerika, die Vereinigten Staaten und der 'Fall Kuba'" gesprochen. Nun waren die Nordamerikaner nationalistische Töne aus dem Süden durchaus gewohnt und nahmen sie nicht übermäßig tragisch; daß Brizola es jedoch gewagt hatte, an einem Tabu zu rühren und den Fall Kuba anzusprehen, wirkte im State Department als ein Alarmzeichen. Der *Communist Threat to the USA* wurde erneut bekräftigt. Erst ein halbes Jahr zuvor hatte der mexikanische Intellektuelle Noyola, ebenfalls in einer Rede vor Studenten, die kubanische Revolution als *das gemeinsame Erbgut aller Völker Lateinamerikas* bezeichnet. Auch Chiles sozialistischer Senator Allende hatte im Vorjahr geschrieben: "Die kubanische Revolution ist eine nationale Revolution - zugleich aber eine Revolution ganz Lateinamerikas. Sie hat den Weg zur Befreiung aller unserer Völker gewiesen."

Der psychologische Krieg war nun voll im Gang. Die CIA bezog verstärkt Positionen vor Ort. So wurden im Nordosten Brasiliens über 5000 nordamerikanische "Entwicklungshelfer" gezählt (*Peace Corps, Aliança para o Progresso, American Agency for International Development - USAID, Programa Alimentos para a Paz* etc.) Insgesamt sollen sich damals ca. 40.000 amerikanische Staatsbürger im Lande aufgehalten haben. Die USA verfügten über Flugbasen in Natal und auf der Insel Fernando de Noronha; in Recife waren nicht weniger als 14 US-amerikanische Vizekonsuln stationiert (nicht anders als zu Dutras Zeiten, d.h. während der kurzen Phase des legalen Wirkens der KP nach dem 2. Weltkrieg, als es ein Übermaß an russischen "Diplomaten" in Rio de Janeiro gegeben hatte). Der US-Botschafter Lincoln Gordon wurde nicht müde, für *development* als Weg zum nationalen Wohlstand zu werben, wobei er sich vornehmlich auf *Walt Rostow, Stadien wirtschaftlichen Wachstums, Eine Alternative zur marxistichen Entwicklungstheorie*, bezog.[4] Die "Rostowschen Stufen" der Entwickung, seine "Stufenlehre" machte seinerzeit inmitten einer noch ganz "traditionell" geprägten Gesellschaft auf viele Menschen großen Eindruck. Diese versprachen sich von den offensichtlichen "Gesetzmäßigkeiten" evolutionärer Prozesse eine zügige Verbesserung der miserablen Lebensedingungen des Volkes. Eine gewisse Entwicklungseuphorie lag bereits seit Juscelino Kubitschek in der Luft; auf dessen Initiative war die zu Beginn des Jahres 1961 von Präsident Kennedy verkündete *Allianz für den Fortschritt* zurückzuführen, deren Motto es war, den *Fortschritt in Freiheit* zu erreichen. Mit diesem Programm, das - mit Hilfe der USA - eine gemeinsame Anstrengung der Länder Lateinamerikas zugunsten einer

schnellen und greifbaren wirtschaftlichen und sozialen Entwicklung beinhaltete, sollte zugleich die auf dem Subkontinent um sich greifende fidelistische Tendenz zur sozialen Revolution eingedämmt werden, u. a. durch Verzicht der beteiligten Länder auf die Praxis der "Nationalisierung" oder "Enteignung" ausländischer Unternehmen, die bereits Schule zu machen begann. In der *Charta von Punta del Este* gewann der von den Experten der Allianz für den Fortschritt entwickelte Plan konkrete Gestalt. So wurde zum Beispiel die Agrarreform auf der Prioritätenliste ganz nach oben gerückt, ebenso wie die Bekämpfung der mittlerweile chronischen Inflation und die Beseitigung des Analphabetismus.

Je nach ihrem Standort innerhalb des internationalen Schemas zweier Blöcke bezogen die Länder Süd- und Mittelamerikas und der Karibik nun Position hinsichtlich ihrer Wirtschafts- und Sozialpolitik. Sie hatten die Wahl zwischen einem sozialreformerischen oder einem marxistisch-radikalen Weg. Sie konnten sich für eine friedliche soziale Transformation ihrer Gesellschaft oder zugunsten einer blutigen Revolution entscheiden. Im Grunde gab es eine ganze Palette von Angeboten, darunter auch unterschiedliche marxistische Modelle: die pro-sowjetische Linie des Taktierens mit fortschrittlichen Kräften der Bourgeoisie; die pro-chinesische Linie mit dem Radikalismus der Mao-Bibel und der "permanenten Revolution", einer Variante des "Trotzkismus". Nun wurde den gängigen Modellen noch das Kubanische Modell der ländlichen Guerilla und der Fokus-Theorie - *teoria del foco* - hinzugefügt. In Argentinien verhehlte der Sozialistenführer Palacios seine Sympathien für Kuba nicht. Ein Bruder des Präsidenten Frondizi bewirkte sogar die Spaltung der sozialistischen Bewegung durch die Gründung einer pro-castristischen revolutionären Gruppe. In Bolivien nahm die Sympathie für Fidel Castro von Tag zu Tag zu. 1961 beteiligte sich die Gewerkschaft offiziell an antiamerikanischen Demonstrationen zugunsten Fidel Castros. In Chile wurde Kuba zum Symbol des Kampfes der Linken gegen die Politik von Präsident Alessandri, den dann der Christdemokrat Frey ablöste. In Uruguay gewann die Frente Amplio vor allem mit PC, Partido Demócrata Cristiano, Frente Izquierda de Liberación-FIDEL und Partido Socialista zunehmend an Boden. Die Gewerkschaften waren fidelistisch unterwandert. Die Castristen beherrschten die Universität und mündeten zuletzt in das gefürchtete Movimiento de Liberación Nacional (Tupamaros) ein. Sogar die Partei der Colorados zeigte eine deutliche Neigung zu radikalen Lösungen. In Peru spaltete sich die *APRA rebelde* von der *APRA* ab, um sich mit dem Movimiento de Izquierda Revolucionária zu vereinigen. Die Universidad San Marcos in Lima befand sich fest in castristischer Hand.

Die *Raketenkrise* des Jahres 1962 verschaffte den Anticastristen wieder etwas Luft und trug zur Verminderung der Castrophilie auf dem Subkontinent bei. Zweifellos arbeiteten damals auch viele engagierte Leute mit großem Idealismus unermüdlich an der Verwirklichung einer "friedlichen Revolution". Unter ihnen befanden sich auch die ersten "Freiwilligen" oder "Entwicklungshelfer" des Deutschen Entwicklungsdienstes-DED und von Dienste in Übersee-DÜ, deren Einsatz im Prinzip sicherlich völlig uneigennützig geschah.

Innerhalb der Linken wirkte der castristische Infekt jedoch weiter. In der Zweiten Deklaration von Havanna (Februar 1962) hatte es geheißen: "Der revolutionäre Aufbruch der Bevölkerung ist unvermeidlich ... Die am Anfang stehenden Aktionen kleiner Kampfgruppen werden unaufhörlich durch neue Kräfte verstärkt, die Massenbewegung fängt an sich auszubreiten, die alte Ordnung zerbricht ..." So sehr auch die traditionellen kommunistischen Kräfte auf dem Kontinent bemüht waren, eine Eskalation zu vermeiden, umso begeisterter schwenkte die radikale revolutionäre Linke auf der Welle des Fidelismus in die marxistisch-leninistische Revolutions-Ideologie ein. Ihre Entscheidung hatte auf lange Sicht schlimme Konsequenzen für den Subkontinent.

Die Radikalisierung in den 60er Jahren kam keinesfalls von ungefähr. Sicherlich wäre es zu oberflächlich, sie damit zu erklären, daß es in der Geschichte des lateinamerikanischen Subkontinents schon immer auch den Guerillakrieg gegeben habe. Schlimmer noch wäre es, den *bewaffneten Kampf* auf die "sprichwörtliche Emotionalität und Romantik der Latinos" zurückführen zu wollen.[5] Zweifellos kamen in der 60er Dekade etliche Faktoren zusammen, die insgesamt so etwas wie den *kairos* bei der Auslösung extrem militanter Aktionen ultralinker Gruppen auf dem ganzen Subkontinent bewirkten. Dazu zählen folgende Faktoren, deren einige der frühere Stipendiat des Ökumenischen Studienwerks e. V. (ÖSW) Bochum, Flávio Koutzii, besonders herausgestellt hat:[6]

1) Das Ende des Koreakrieges bezeichnete den Beginn einer Phase wirtschaftlichen Verfalls in den Rohstoffländern, zu denen die südamerikanischen Länder zählten. Die Preise für die *materia prima* waren zur Zeit des Krieges enorm gestiegen und fielen danach umso empfindlicher zurück. Dies hatte negative Auswirkungen auf die jeweilige Volkswirtschaft und vergrößerte die Armut vieler Menschen, in erster Linie unter der ländlichen Bevölkerung eines Erdteils, der sich in jenen Jahren im wesentlichen noch auf die Landwirtschaft stützte. Die Minenarbeiter waren von dieser Entwicklung allerdings ebenfalls hart betroffen. Sie waren es auch, welche - neben den

Landarbeitern, die in mehreren Ländern rebellierten - die Regierenden durch hartnäckige Streiks herausforderten ...

2) Die linksorientierte Jugend war enttäuscht vom "Immobilismus" der orthodoxen Kommunisten und ihrer Politik des Paktierens mit "demokratischen Kräften" des Bürgertums die "tendenziell gegen den *imperialismo* und die *oligarquia* agierten." Während z.B. die orthodoxe KP Argentiniens die Junta tolerierte oder sogar unterstützte - ein starker Staat sei nötig, es bedürfe eines Staates, der das Monopol zur Unterdrückung besitze, um die Revolution und den Terrorismus der Linken wie der Rechten zu vernichten - ließ sich die radikale revolutionäre Linke von der Welle des Fidelismus, verbunden mit dem aufkommenden Maoismus und der Utopie einer pro-marxistisch-leninistischen Revolution mitreißen. Die am stärksten radikalisierten jungen Leute gingen zum bewaffneten Kampf über und bedienten sich vor allen Dingen der Methoden der *Guerilla urbana*.

3) Sie waren die "Koexistenz" im Großen und im Kleinen (für sie handelte es sich dabei jedoch um ein *equilibrio del terror*) leid. Anstatt nach einer friedlichen Revolution zu trachten oder gar einem faulen "Reformismus" zu huldigen, der stets nur das geringere Übel im Auge hatte, beschlossen sie durch den bewaffneten Kampf direkt zum Aufbau einer neuen Gesellschaft mit neuen Menschen zu gelangen. Die *Koexistenz* der ideologischen Blöcke konnte ihrer Meinung nach zu nichts anderem führen als zur Eliminierung des Kommunismus wie dies 1965 in Indonesien geschehen war oder es führte zur Bombardierung des kommunistischen Hanoi (1964-65) und zur Unterdrückung sozialistischer Bewegungen wie es in Brasilien durch den Putsch von 1964 geschehen sei.

4) Als Anhänger von Dissidentenbewegungen sagten sich junge Marxisten von ihren Mutterparteien und junge Christen oder militante Nationalisten von ihren "konservativen" Organisationen los, um eigene revolutionäre Kampfverbände zu gründen.

Die christlich-sozialen Kräfte in Argentinien, Brasilien, Chile kämpften von Haus aus gegen den Kommunismus, bekämpften jedoch zugleich die traditionelle politische Ordnung. Es nimmt niemand wunder, daß sie sich beispielsweise in Argentinien in einem bestimmten Moment an einem bestimmten Punkt begegneten und dann entweder gemeinsam agierten oder praktisch ineinander aufgingen. In Brasilien kamen viele junge "Terroristen" aus dem Schoß der katholischen Kirche mit ihrer vom II. Vaticanum geprägten Soziallehre.

Die Kirche und die kirchlichen Jugendorganisationen JUC und JOC etc. unterschieden sich - was ihre Radikalität und ihren moralischen Rigorismus oder Idealismus betraf - in der Praxis kaum von den Marxisten, in deren Schoß sie schließlich landeten. In Argentinien optierten die *Sacerdotes del Tercer Mundo* (1968) für den Sozialismus, ebenso wie in Chile die *Christen für den Sozialismus*. Für die Priester pro Peronismus war die Gefolgschaft, die sie der peronistischen Bewegung leisteten, zugleich ein Bekenntnis zum Sozialismus und zur sozialistischen Revolution. Der Pakt zwischen Christen und Marxisten war für sie kein temporäres Zweckbündnis. Es bestand eine christlich-marxistische Synthese oder Grundstimmung. Auch die Marxisten betrachten das Bündnis als *paso histórico*, der wichtiger sei als die Frage *si Dios existe o si Dios no existe*. "Die Christen des Kontinents werden in aller Deutlichkeit und Dringlichkeit ermahnt, sich für all das zu entscheiden, was zur wirklichen Befreiung des lateinamerikanischen Menschen und der Errichtung einer gerechteren und brüderlicheren Gesellschaft beiträgt ... Ich bin vollkommen damit einverstanden, daß zur Schaffung des neuen Menschen die Existenz einer Gesellschaft, in der das Privateigentum abgeschafft und die Produktionsmittel vergesellschaftlicht werden, unumgänglich ist", bekannte der argentinische Pater Miguel Ramondetti. Sein Amtsbruder Carlos Mújica, der 1974 erschossen wurde, erklärte außerdem: "Wir haben tiefen Respekt vor den jungen Katholiken, die in Anbetracht der Tatsache, daß alle friedlichen Wege verbaut worden sind, den Weg der Waffen beschreiten und damit dem Beispiel San Martins und "Che" Guevaras Folge leisten und für die Befreiung ihrer Völker kämpfen."[7] Der *violencia injusta de los opresores* setzten die Revolutionäre die *justa violencia de los oprimidos* entgegen und verstanden ihren Kampf als *legítima defensa*.

5) Die 1967 in Havanna gegründete Organisation für Lateinamerikanische Solidarität-*OLAS* forderte den Guerillakampf, den sie als grundlegend für die Revolution in Lateinamerika betrachtete, und unterstützte lokale Kampfgruppen. Die Parole der *OLAS* lautete: "Es ist die Pflicht eines jeden Revolutionärs die Revolution zu betreiben." Guerillaaktionen gab es allerdings bereits vorher, z.B. in Guatemala (1966), Venezuela, Kolumbien, Peru, Brasilien, Uruguay und Argentinien. Dort spielte sich schon 1962 in der nördlichsten, an Bolivien angrenzenden Provinz Salta das Abenteuer des *Ejército Guerrillero del Pueblo* ab. 1967 errangen unzufriedene Zuckerarbeiter in der argentinischen Provinz Tucumán einen eindrucksvollen Sieg über ein Polizeiaufgebot, das mit der Niederschlagung der Rebellion beauftragt worden war. Die Landarbeiter waren seit längerem in der

Frente Indigenista Popular-FRIP, einer pro-kubanischen Bewegung für Quechuas und in der *Federación Obrera de Trabajadores de los Ingenios Azucareros-FOTIA* organisiert. Aus ihrem Triumph über die Polizei zogen die Parteistrategen die Lehre, daß Widerstand möglich war. Man dürfe der Repression allerdings nicht mit Steinen in der Hand begegnen. Waffenkäufe wurden getätigt, zugleich aber brachte man die marxistisch-leninistische Analyse der Situation ins Spiel: Der klassischen Theorie zufolge habe die Mobilisierung der Massen durch die Partei zu geschehen. Diese dürfe also auf gar keinen Fall den Ereignissen nachhinken. Sie müsse unbedingt an der Spitze der revolutionären Entwicklung stehen! Also gründete man flugs eine *Revolutionäre Partei der Arbeiter-PRT*, welche von nun an die politische Basis für Guerillaaktionen bilden sollte, da ja die Partei auf jeden Fall die Avantgarde sein mußte! Ihren Anhang bildeten vor allem die Arbeiter auf den Zuckerplantagen und revolutionäre Studenten. Die Partei vertrat von Anfang an die revolutionäre Strategie einer *guerra prolongada*, eines "permanenten Krieges" im trotzkistischen Sinn. In den Jahren 1968/69 schickte sie die künftigen Guerilleros zur militärischen Schulung nach Kuba. Mit einem spektakulären Banküberfall auf den Banco de Escobar, bei dem 64 Millionen Pesos erbeutet wurden, gaben die Terroristen ihr Debüt. Am Ende mündeten die meisten militanten Splittergruppen in den *Ejército Revolucionário del Pueblo-ERP* ein.

6) Die Universitäten waren in Südamerika stets avantgardistisch, nationalistisch, liberal, später dann sozialistisch, marxistisch-leninistisch. Von den Studenten in Peru, Bolivien, Brasilien, Chile, El Salvador, Uruguay, Argentinien war in diesem Zusammenhang immer wieder zu hören. Dort hatten die Studenten in den 60er Jahren ihre Lehrer (oder Gewährsleute wie Celso Furtado oder A. G. Frank) durchaus richtig verstanden: "Die Bourgeoisie ... zu unterstützen wäre Betrug und Verrat," verkündete A. G. Frank.[8] Konsequenterweise postuliert er, die einzige Lösung für die Unterentwicklung in Lateinamerika sei der Sozialismus und der einzige gangbare Weg zum Sozialismus der des bewaffneten Kampfes. In Lateinamerika könne es - so lautete die Analyse - aufgrund der Abhängigkeit der armen Länder vom Imperialismus und auch infolge der Ohnmacht der jeweiligen nationalen Exekutive angesichts der Übermacht der Parlamente, die von den Besitzenden kontrolliert würden, keinen Fortschritt geben. Celso Furtado hatte 1965 sein Buch *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina* "der Jugend Lateinamerikas" gewidmet.[9] Die offizielle Kommunistische Partei schien die Zeichen der Zeit nicht erkennen zu wollen. Der einstmals

vom ÖSW geförderte Chilene Boris Riedemann hat sich in seiner Bremer Dissertation mit der Situation seines Landes vor dem Putsch beschäftigt und auf die unterschiedlichen Konzepte der in der sozialistisch-kommunistischen Allianz in Chile verbündeten Komponenten hingewiesen: Der Kommunismus und die Sozialistische Partei postulierten den Übergang zum Sozialismus in Etappen. Die erste Etappe mußte - in Übereinstimmung mit der im Lande in dieser Epoche bestehenden Situation - die einer "antifeudalen, antioligarchischen und anti-imperialistischen Revolution" sein, "die sich nicht darauf beschränkt, die alten Produktionsverhältnisse zu liquidieren, sondern andere neue schafft," welche nichtkapitalistischen Charakter aufweisen. Auf diese Weise "würde die Ersetzung des kapitalistischen Entwicklungsweges durch einen nichtkapitalistischen Weg den Weg zum Sozialismus öffnen." (José Cademártori, La economia chilena, Editorial Universitaria, 3. Aufl., 1972 (1. Aufl. 1968), Santiago de Chile, S. 292)" Die nationale Bourgeoisie unterwarf sich den Interessen des imperialistischen Kapitals; die Wirtschaft stagnierte; das Elend, die sozialen Ungerechtigkeiten waren das folgerichtige Ergebnis der von der Bourgeoisie vorangetriebenen oder vermittelten abhängigen kapitalistischen Entwicklung. Hier durfte es keinen Pakt oder keine Klassenallianz mit scheinbar "demokratischen Kräften" des Bürgertums geben. Die Überwindung der Unterentwicklung war nur möglich, wenn die Revolution gegen die Bourgeoisie und nicht auf ihre Unterstützung zielte. Die einzige Form, in der das Volk den Erfolg der Revolution und die Zerstörung des bürgerlichen Herrschaftssystems sichern könne, sei der Rekurs auf die Macht der Waffen.[10] Die jungen Revolutionäre hatten verstanden: Die verelendeten Völker konnten aus der Sackgasse, in der sie sich befanden, nur durch eine schnelle Revolution herauskommen. Der Grad der Verelendung der Massen aber brachte sie zu der Annahme, die vorrevolutionären Bedingungen seien bereits gegeben. Was fehlte, war nur eine Initialzündung durch die Avantgarde. Aus dem *foco* werde sich bald ein Flächenbrand entwickeln und das ungerechte alte System hinwegfegen. Die Spielregeln des *Revisionismus* taten sie beiseite. Statt dessen folgten sie Fidel Castros revolutionärer Parole: *luchar en vez de pleitear* - kämpfen statt wählen!

7) Die wichtigste Triebfeder für die revolutionäre Jugend dürfte der Mythos Che Guevara gewesen sein. Am 10. März 1967 hatten die Medien vom ersten Scharmützel in Boliviens Dschungel berichtet. Schon im Monat darauf, am 20. April, wurde der französische Journalist und Sympathisant Régis Debray verhaftet. Am 7. Juni

begann landesweit der Belagerungszustand, bis die Streitkräfte im Juli die direkte Kontrolle über Boliviens Regierung übernahmen. Am 8. Oktober 1967 wurde Che Guevara in der bolivianischen Cordillera erschossen.

Das rapide Scheitern des Propheten der Fokus-Theorie, des Idols der Jugend Lateinamerikas, Che Guevara, tat der revolutionären Euphorie jener Jahre keinen Abbruch: Der Mythos von Che Guevara, Ho Chi Minh und Mao Tse Tung eroberte die Studenten in Berkeley, Paris, Berlin, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Santiago de Chile, Lima, La Paz, Bogotá und Guatemala-City. Che wurde "... die große Hoffnung der Vanguardia in Lateinamerika. Er wurde zum *Multiplikator von Revolutionen*." (Eduardo Galeano). Auch tot büßte er seine Faszination nicht ein. Er überlebte sich selbst als der Mythos der "68er" Lateinamerikas! "Wir hatten vorausgesagt," heißt es in seinen *textos revolucionários*, "daß der Krieg sich über den gesamten Kontinent erstrecken würde. Dies bedeutet, daß er auch lange wären wird; es wird viele Fronten geben, viel Blut wird fließen, es wird über eine lange Zeit unzählige Leben kosten ... während die Macht durch die bewaffnete Vorhut des Volkes gewonnen ... und die erste Etappe der sozialistischen Revolution sich herauskristallisieren wird ..."[11]

Die Konvulsionen auf dem Subkontinent sollten in der Tat viel Blut kosten!

Das Beispiel Brasilien

Onésimo de Oliveira Cardoso, der 1973 Brasilien verließ, um in der BRD zu studieren, wo ihm dann die Westfälische Wilhelms-Universität zu Münster (Westf.) 1978 den Doktorgrad der Philosophischen Fakultät verlieh, war einer der ersten Stipendiaten des ÖSW, der in einer Publikation auf die aktuelle politische Situation seines Landes einging. Die folgende Kurzdar stellung zur Lage in Brasilien erfolgt in Anlehnung an den Abschnitt *Das Militärregime seit 1964* seiner Inaugural-Dissertation.[12]

Während der Regierung Goulart, der so etwas war wie der "Ziehsohn" des großen Caudillo Getúlio Vargas, kam es verstärkt zu Volksbewegungen. Sie wurden durch eine Politik, die eine grundlegende Agrarreform, die Entwicklung des Gewerkschaftswesens und die Verstaatlichung ausländischer Unternehmen begünstigte, entsprechend ermutigt. Dazu nährte die ständig steigende Inflation unter der Arbeiterschaft Zweifel am bestehenden Wirtschaftssystem. Fast täglich kam es zu neuen politischen Forderungen unterschiedlicher gesellschaftlicher Gruppen, denen sie durch Streiks den nötigen Nachdruck verliehen. Als Goulart im März 1964

öffentlich erklärte, den radikalsten Forderungen der Linken durch den Erlaß einschlägiger Gesetze in Bälde entsprechen zu wollen, war dies für die konservative und liberale Mehrheit der Bevölkerung das Signal zum Widerstand. Am 31. März 1964 erhoben sich zunächst wichtige Teile der Streitkräfte. Die Gouverneure einflußreicher Staaten der Föderation schlossen sich dem Aufstand an. Am 1. April übernahm das Militär die Schalthebel der Macht. Mit der Ernennung des Generalstabschefs Marschall Castelo Branco zum Präsidenten und der Verabschiedung des Institutionellen Aktes N°1 (einem "Notstandsgesetz") vom 13.4.64 begann in ganz Brasilien die Dominanz der Streitkräfte über die zivilen Instanzen, die Legislative, Exekutive und Judikative.

Die Regierung machte von den Möglichkeiten des Notstandsgesetzes intensiv Gebrauch, wobei sie ständig neue Ausnahmegesetze verabschiedete, um mit ihrer Hilfe der politischen und wirtschaftlichen Lage Herr zu werden. Mit dem Institutionellen Akt N°2 vom 26.10.65 wurde der Kongress weitgehend entmachtet. Die freien Gewerkschaften wurden verboten, ebenso die Organisation der Studenten. Die traditionellen politischen Parteien wurden aufgelöst. An ihrer Stelle wurde von der Regierung ein Zweiparteiensystem dekretiert: die Regierungspartei, Arena - Aliança Renovadora Nacional (Nationale Erneuerungsallianz) und die Oppositionspartei, MDB - Movimento Democrático Brasileiro (Brasilianische Demokratische Bewegung). 1967 gab eine neue Verfassung dem System die gesetzliche Legitimation. Die Ausschaltung der freien Presse durch ein neues Pressegesetz und eine Bestimmung zur Einschränkung der bürgerlichen Grundrechte aus Gründen der Nationalen Sicherheit waren die nächsten Schritte zur Erlangung der totalen Kontrolle über den Staat. 1968 kam es zur Auflösung des Parlaments durch den Präsidenten Costa e Silva, der nun selbst die Befugnisse der Legislative besaß. Nach der Wiedereröffnung des Parlaments blieb die Kompetenz der Legislative begrenzt.

General Ernesto Geisel, der 1974 die Präsidentschaft übernahm, verkündete ein politisches Programm, das zu einer Entzerrung der politischen Verhältnisse führen sollte. Der Prozeß der Entspannung (Distensão), der langsam und schrittweise ablaufen sollte, machte Fort- und Rückschritte. Der Presse wurde durch teilweise Aufhebung der Vorzensur eine gewisse Freiheit zurückgegeben. Bei den Parlamentswahlen von 1974 konnte die Oppositionspartei einen bedeutsamen Sieg über die Regierungspartei erringen. Die katholische Kirche nahm eine kritische Stellung gegenüber der Regierung ein. Diese fühlte sich durch derartige Manifestationen aus dem Volk bedroht und baute neue Einschränkungen auf. So entwickelte sich die Repression durch die Militärpolizei, besonders in São Paulo, zu einem gefürchteten und unkontrollierbaren Terrorsystem. Im Oktober 1975, nach

dem Tod des Journalisten Vladimir Herzog und danach des Stahlarbeiters Manuel Fiel Filho während eines "Verhörs" im *Departamento de Operações Internas* (DOI), welches dem Generalstab des II. Armeecorps unterstellt war, versuchte Geisel, seine Linie durchzusetzen. In der Armee fand eine Säuberung statt. Seitdem wurden Fälle von Menschenrechtsverletzungen, wie sie aus den ersten zehn Jahren nach der militärischen Intervention bekanntgeworden waren, immer seltener.

1.Peter Grubbe, Im Schatten des Kubaners, Das neue Gesicht Lateinamerikas, München, 1961

2.Che Guevara, Ernesto Guevara de la Serra (El Che), Textos Revolucionários, Prólogo Roberto Guevara, Trad. Juan Martinez, São Paulo 1980

3.W. W. Rostow, El Proceso del Crecimiento Economico, Versión española de Ma. Dolores L. Martínez de Cervera, Madrid 1967

4.Lincoln Gordon, O Progresso pela Aliança, Rio de Janeiro 1962

5.Marcel Niedergang, The 20 Latin Americas, Vol. I & II, transl. by Rosemary Sheed, Baltimore 1971

6.Flavio Koutzii & José Corrêa Leite, Che 20 Anos Depois, enseios e testemunhos, São Paulo 1987

7.Alejandro Dorrego, Victoria Azurduy, El Caso Argentino, Hablan sus protagonistas, México 1977. "Se exhorte con claridad y firmeza a los cristianos del continente a optar por todo aquello que contribuya a la liberación real del hombre latinoamericano y la instauración de una sociedad más justa y fraternal... estoy completamente de acuerdo en que es imprescindible para la construcción del hombre nuevo, la existencia de una sociedad en la qual sea abolida la propriedad privada y sean socializados los medios de producción." Pe. Miguel Ramondetti ".tenemos un profundo respeto por los jóvenes católicos que ya, considerando que las instancias pacíficas han sido clausuradas, eligen el camino de las armas siguiendo el ejemplo de San Martín, el ejemplo de "Che" Guevara y luchan por la liberación de sus pueblos." Pe. Carlos Mújica

8.G. A. Frank, Kapitalismus und Unterentwicklung in Lateinamerika, 2. Aufl. Frankfurt/M 1975

9.Celso Furtado, Subdesenvolvimento e Estagnação, 3. ed., Rio de Janeiro 1968

10.Boris Riedemann, Die Außenwirtschaftsbeziehungen und die Entwicklung Chiles - Unter besonderer Berücksichtigung der Entstehungsgeschichte zweier relevanter Konzeptionen: der "desarrollismo" und die Dependenztheorie, Diss. Universität Bremen, II. Teil

11."Haviamos predito que a guerra seria continental. Isto significa que também será prolongada; haverá muitas frentes, custará muito sangue, inúmeras vidas durante um longo tempo ... ao produzir-se a tomada do poder pela vanguarda armado do povo ... terá se cristalizando a primeira etapa da revolucao socialista ... (Che Guevara, Ernesto Guevara de la Serra (El Che), Textos Revolucionários, Prólogo Roberto Guevara, Trad. Juan Martinez, São Paulo 1980

12.Onésimo de Oliveira Cardoso, Entwicklungsgeschichte des brasilianischen öffentlichen Fernsehens, Ihre politischen, kulturellen und gesellschaftlichen Implikationen, Arbeiten aus dem Institut für Publizistik der Universität Münster, Bd. 24, 1978, S. 13 ff.